



*Se o grão de trigo,
cair na terra e morrer,
produzirá muito fruto.*

Jo 12,24

**Celebração dos 155 anos do
falecimento da fundadora da
Congregação das Irmãs
Franciscanas da Imaculada
Conceição,
Madre Francisca
Lampel.**

(Pequenas Recordações)

Autora: Irmã Anita Posch

Fonte: Arquivos Documentais da Congregação FIC

2006

No dia 27 de maio de 2006, celebramos os 155 anos do falecimento de nossa querida Fundadora, Madre Francisca Lampel. Recordemos algumas passagens de sua vida, que foram lidas no 140º Aniversário da sua morte, quando se deu a Exumação do seu Corpo e o Sepultamento na Casa Mãe, em Graz – Eggenberg, durante uma Celebração Litúrgica, no dia 14 de maio de 1991.

EXUMAÇÃO DO CORPO DE NOSSA MADRE FRANCISCA ANTONIA LAMPEL

Depois de longa espera chegou, finalmente, o dia tão desejado. Foi grande a alegria das Irmãs ao ouvirem dizer que, agora, nossa Madre Fundadora seria trazida para Casa.



M. Sieglinde- Cemitério “St. Peter”

13 de maio de 1991:

Aos 13 de maio de 1991, nos dirigimos ao Cemitério “St. Peter” para podermos estar presentes à Exumação. Madre Benedikta Groger já nos esperava lá. O coveiro tinha aberto

já a metade da sepultura. Até aqui, infelizmente, não se encontrara quase nada, de modo que já pensávamos, ser necessário, contentar-nos com apenas um pouco de terra.

Depois de insistente pedido de M. Benedikta, o coveiro

resolveu enfim, continuar a escavação do lado esquerdo. Ali, apareceram, então, dois esqueletos, que estavam enterrados um por cima do outro. Com grande probabilidade, pode-se supor que esses restos mortais, eram os de Heriberto Lampel e os de sua esposa, Victória.

Mas agora queríamos encontrar, ainda, nossa Madre Francisca.

Novamente, porém, precisamos insistir, e logo ficamos surpresas: à direita, estavam, agora, os ossos de nossa Fundadora. Encontrou-se um crânio de formato delicado e muitos outros pedaços de ossos; até havia ainda um pedacinho de tecido preto.

14 de maio de 1991:

A parte oficial da Exumação deu-se aos 14 de maio, no necrotério do Cemitério "St. Peter". Além de nós, estava presente, também, um funcionário da Saúde Pública.

Os restos mortais dos três corpos seriam colocados num sarcófago de metal e, este, novamente, em um de madeira.

Assim nossa Fundadora viria para a Casa-Mãe, onde seria sepultada. Ela voltava, enfim, para a Sua Casa.

As Irmãs da Casa-Mãe esperavam sua Fundadora junto à entrada da Capela.



*Chegada na Casa Mãe
Saudação da M. Sieglinde*

Antes que o crânio de nossa Fundadora fosse envolvido em linho branco e colocado no sarcófago, as Irmãs ainda o puderam ver, mais uma vez. Enquanto o sarcófago de metal era soldado e o de madeira, parafusado, as Irmãs entoavam cantos de Louvor e Ação de Graças.

Como saudação de boas vindas, **Madre Sieglinde Höller** fez um comovente discurso, que causou grande surpresa a todos os presentes.

Foi publicado na sua forma original:

“Estamos hoje em festa, pois trouxemos para casa a nossa Fundadora, Madre Francisca Lampel.

Todas nós conhecemos a História da nossa Fundação.

Em nossa Crônica, encontramos, a respeito de Madre Francisca, o seguinte:

Aos 27 de maio de 1851, no dia de sua morte, duas Irmãs visitaram Madre Francisca, na casa do seu irmão, Heriberto Lampel. Madre Francisca então perguntou: “Como vai lá, em casa, no Convento?”

“A paz e o primeiro fervor voltaram de novo. A tempestade acalmou-se, mas a sua decisão foi um grande choque para nós. Sobre isso também silenciamos, pois não



*M. Francisca no necrotério da Casa Mãe
(M. Benedita - M. Sieglinde - Ir. Irmgard)*

queremos criticar, já que o Amor encobre tudo.”

Morrendo, Madre Francisca sussurrou: “Sim, o Amor – o Bem, tão bom é o silêncio. Deus falará em breve. – Mais tarde, depois de cem anos – talvez – os homens também falarão. – Mas agora – o silêncio – é tão bom.”

Madre Francisca adormeceu – para sempre – foi para a Casa do Pai.

E assim aconteceu. Depois de cem anos, os homens e as mulheres falaram...”

TRANSPOSIÇÃO E SEPULTAMENTO na Capela da Casa Mãe



*Sob o toque de flautas transversais e o órgão,
Madre Francisca foi trazida
para a sepultura .
(Ir. Irene e Ir. Irmgard)*

Com alegria e gratidão, descobrimos nossa Fundadora e Mãe que, na dor, nos gerou !

Aos 22 de maio de 1951, Madre Gertrudes Kapfer enviou para todas as Irmãs uma Circular, da qual quero recordar alguns pontos: “Em 27 de maio de 1951, fará cem anos que Deus chamou para a eternidade, a sua fiel serva, Madre Francisca Lampel, a Fundadora da nossa Congregação.



O que sabemos de Madre Francisca? Foi-nos contado, muito mais, sobre a sua saída da Congregação. E assim, ela sempre era vista pelas Irmãs, como uma apóstata e, por isso, preferiu-se o silêncio.

Há dois anos, li a Crônica, e então me assaltaram fortes dúvidas. Não estaríamos nós sendo injustas com nossa Fundadora? Por isso, encarreguei uma Irmã para estudar a História da nossa Fundação, e esclarecer o caso de Madre Francisca.

Com isso, surgiu para nós, uma outra Madre Francisca, completamente nova: uma mulher, a quem devemos nossa estima e gratidão e a quem com orgulho podemos chamar de nossa MADRE.”

(Segue a circular, na íntegra): “Anexo o resultado dessa investigação. (A História dos primeiros anos de nossa Congregação já é de conhecimento de todas. Por isso eu continuo lá, onde a crise se iniciou, após a morte do saudoso Príncipe-bispo Zängerle).

Até 1848, a pequena Congregação estava fortemente unida. Laços de um verdadeiro amor fraterno unia as Irmãs, e este amor ajudou-as a vencer as dificuldades externas. Surgiu então o tempo da provação, a crise da juventude, da qual nenhuma Comunidade Religiosa é isenta. Em nosso caso, talvez a crise foi mais profunda e perigosa, porque em ambas as partes existia um querer muito sincero e não se poderia falar em culpa. Justamente por causa disso, foi, e ainda é, muito difícil reconhecer onde se encontravam a verdade e o direito. Errar não é pecado, mas o erro pode levar a uma fonte de sofrimento indizível.

Já no ano de 1848, Madre Francisca começou a ficar doente. Em 1849 piorou o seu estado de saúde e ela não conseguiu mais observar o horário do dia. Fizeram-se necessárias exceções, que foram inevitáveis, mas causaram desordens e insatisfações entre as Irmãs. Deve-se levar em conta, que a maneira de viver das Irmãs era muito dura. Dormiam somente 6 horas. A alimentação correspondia à pobreza: por exemplo, somente uma vez por semana, tinham carne à mesa. Não possuíam jardim e, por isso, não tinham oportunidade de respirar o ar fresco. As Irmãs trabalhavam muito, especialmente quando compraram um terreno em Algersdorf. Aconteceu, que muitas Irmãs faleceram cedo. Também Madre Francisca foi vítima da, então chamada, tísica (tuberculose). Devemos também levar em consideração que as Irmãs eram ainda jovens e cheias de entusiasmo. O Instituto só existia há 6 ou 7 anos. Exceto M. Francisca, todas tinham menos de 30 anos de idade. Nesta idade a pessoa facilmente é inflexível e não muito compreensiva. Falta ainda a experiência de vida, o amadurecimento, que apazigua o coração do homem para a bon-

dade e a uma compreensão maior. Quando as Irmãs perceberam que a sua Superiora precisava de certas exceções, algumas acharam que isso não estava certo, pois a Superiora deveria ser a guia em tudo e introduzir as Irmãs numa Vida Religiosa correta, não só por palavras, mas principalmente pelo seu exemplo. Caso ela não mais conseguisse isso, então não deveria continuar como Superiora. Apesar de não se esquecerem que M. Francisca fora uma mãe solícita e carinhosa, enquanto a doença não a impedia, agora consideravam isso como uma obrigação da Superiora, e que, portanto, não precisava receber nenhuma atenção especial. Nem todas as Irmãs eram desta opinião. Outras pensavam, cheias de gratidão filial para com a sua fundadora e mãe, que a honra da direção caberia mais a ela do que a qualquer outra. Essas Irmãs imploravam a M. Francisca, quando ela pensava em deixar o cargo antes do tempo, considerando-se incapaz de vida a sua doença, para que ela não fizesse isso. Apesar disso, talvez ela teria deixado o cargo, se não houvesse uma intervenção contrária por parte da autoridade eclesial. Estando, então, convicta de que deveria obedecer, esperou a eleição ordinária que aconteceu em 1850. A presidência da mesma coube ao Delegado Episcopal. A eleição mostrou o quanto as Irmãs estavam desunidas entre si. Havia dois partidos fortes, quase iguais, e nenhum deles queria ceder. Finalmente, no 7º escrutínio, foi eleita como Superiora, **Irmã Inês Pfund**. No espírito de obediência, ela aceitou o cargo. Contava apenas 30 anos de idade. No início reinou uma certa perturbação, ao menos por parte do partido vencedor, surgindo uma tensão sobre o que haveria de acontecer. Madre Francisca dirigiu-se,

como primeira, para cumprimentar a nova Superiora, o que, conforme o costume da época, caberia à Irmã mais nova. M. Francisca fez, também depois, tudo que estava ao seu alcance, para aproximar os corações à sua nova Superiora. Nisso podemos perceber com que seriedade ela queria deixar esse posto. Podemos também ver, que ela estava longe de lamentar a perda do cargo de Superiora. Mesmo assim, ela não conseguiu restabelecer o amor mútuo e a união anterior entre as Irmãs. Percebia-se que o abismo era muito mais profundo e que não se tratava tanto da pessoa de Superiora, mas sim da essência do jovem Instituto. Algumas Irmãs acreditavam que só seriam verdadeiras filhas de São Francisco, quando o Superior Geral dos Franciscanos fosse o Superior maior, como estava acontecendo com as Irmãs Terciárias do Tirol. Com essa opinião elas apoiavam o seu novo Diretor Espiritual, pois foram os Franciscanos do Tirol que em nossa fundação não conseguiram entender bem o pensamento de D. Zängerle e tinham diante de si somente a imagem das Terciárias do Tirol. Acharam, antes de tudo, obrigatória a observação da Regra de São Francisco, descuidando dos Estatutos, que foram redigidos pelo Príncipe-Bispo, Dom Zängerle e que já tinham sido aprovados pela Santa Sé em 1843, antes que acontecesse a Fundação. É compreensível, que esses Estatutos, nessas circunstâncias, apresentassem, somente, em largos traços a Vida Religiosa, os pormenores seriam feitos com tempo, a partir de uma experiência adquirida. As Irmãs faziam, por ora, os votos por três anos e dependiam do Bispo Diocesano. Também a vida cotidiana e o horário do dia se diferenciavam dos das Irmãs Terciárias. Aquelas

tinham só alunas externas e as nossas Irmãs possuíam um Internato. A nova Superiora e as suas partidárias achavam que tudo isso deveria ser agora modificado. Não é de se admirar: a Congregação era jovem e não tinha ainda uma firme Tradição. O Fundador faleceu e a Fundadora encontrava-se gravemente doente, o Diretor Espiritual mudou. As Irmãs jovens, necessitando de um apoio, dirigiram-se naturalmente ao novo Diretor Espiritual, pessoa viva e decidida. É compreensível, que ele valorizasse como modelo a sua pátria, o Tirol. Diferente foi a posição de M. Francisca. Conhecia muito bem o Fundador, estimava-o muito. Como agora ela poderia trair a sua obra? Sentia-se na obrigação de defender e conservar, no seu trilho original, a Congregação que era a obra do santo fundador e, também, obra sua. É claro que, se o Príncipe-Bispo Zängerle ainda estivesse vivo, jamais teriam chegada a essa divisão. Também não teriam atingido esse ponto, se as renovadoras tivessem pedido à Santa Sé a sua opinião, antes de tomarem qualquer decisão. Mas convencidas, de estar servindo uma boa causa e repletas de entusiasmo juvenil começaram a agir, sem se preocupar com as objeções. Madre Francisca sofreu imensamente com isso. Ficou presa numa cela, de onde acompanhava todas as lutas, que provavelmente nem sempre eram platônicas. As Irmãs que quiseram ficar fiéis ao espírito do fundador, freqüentemente queixavam-se, para ela, das mudanças e renovações. Na medida do possível, ela procurava acalmar os espíritos e ao mesmo tempo firmá-las na fidelidade ao fundador. A jovem Superiora, implacável nas suas decisões, - talvez, não dando lugar aos sentimentos mais

sensíveis, - proibiu as Irmãs de visitarem a doente, aquela a quem honravam como sua maternal Fundadora . Quando três noviças transgrediram a ordem, foram demitidas. A crise chegou então ao ponto máximo: 5 Irmãs declararam que queriam sair. M. Francisca sofreu torturas horríveis. Num certo sentido, ela se julgava causadora dessa discórdia. Não lhe foi possível convencer aquelas Irmãs para ficarem, como também, ela sentiu, que a discórdia não teria fim. Ela amava a Congregação mais do que a si mesma, mas amava também as suas filhas espirituais. Somente um sacrifício ela ainda poderia oferecer a Deus, pois estava à beira do túmulo: um único sacrifício, mas o mais duro: Decidiu retirar-se; o que, aos olhos do mundo e de uma ou outra de suas filhas, significava ser uma apóstata. Tomando essa decisão, ela esperava que a discórdia chegasse ao fim, para proteger suas filhas do êxodo para a vida secular. Ela calculou certo? Sabia que não viveria por muito tempo mais, e estava consciente de que se viesse a falecer como Irmã, a sua recordação seria considerada sagrada, pelo menos para metade das Irmãs. Mas isso também atrapalharia a união. Ela tinha consciência de que se desse esse passo, seria julgada por todas. Os seus votos chegavam ao fim e perante Deus ela sentia-se livre. Estava convicta, que somente assim poderia salvar a Congregação e por isso, também esse sacrifício não se tornaria dura demais. Consagrou todas as suas forças à Congregação , ofereceu a sua saúde, a honra e tudo. Finalmente muito significativa foi a doação de todos os seus bens, pois mostrou claramente, com que sentimentos ela se despedia. A casa, onde foi o berço de nossa Congregação, era propriedade sua. Quando deixou as Irmãs, doou-a para a Congregação. Será que

ela faria isso, se ela estivesse guardado um sentimento contrário?

Aconteceu então como M. Francisca tinha previsto: as contemporâneas não compreenderam a sua decisão. Algumas semanas após sua saída, veio a falecer calmamente, totalmente entregue a Deus. O mundo a condenou, mas ela tinha certeza de que Deus não iria condená-la. Mais uma coisa ela conseguiu, e que manifesta o seu grande amor pela Congregação, um amor que não esfriou após a sua saída. Conseguiu que o seu irmão Heriberto, que representava, antes, os interesses temporais da Congregação, continuasse a atendê-las. Sim, ele aumentou ainda mais os seus méritos, principalmente na construção da Casa Mãe.

Deus aceitou o sacrifício da Madre Francisca. Recompensou-a com aquilo que ela desejava. A Paz e a harmonia voltaram à comunidade tão provada, tomando uma direção contrária, um engano, contra o parecer do Fundador. Deus permitiu que a pequena comunidade continuasse no caminho desorientado, mas na hora certa chamou-a de volta, através do seu representante.

Após a saída de M. Francisca, a jovem Superiora conseguiu sem dificuldades realizar o seu plano, que ela considerou como uma tarefa vital: conduzir a Congregação ao seio da Ordem Franciscana. Para isso foi necessário modificar os Estatutos, tendo ao seu lado o Frei Crisólogo. Mesmo assim não negligenciou as suas obrigações de uma boa e prudente Superiora. As Irmãs honraram-na como uma verdadeira mãe. A recordação de Madre Francisca desaparecia. Tomou-se providência, para que se visse

nela uma Religiosa que deixou a Congregação e que, uma caridade compassiva exigia esquecê-la simplesmente. A vida seguiu em frente com suas sempre novas exigências. Madre Inês foi reeleita no ano de 1854 e 1857. Ela iniciou a construção Casa Mãe, da qual terminou a primeira parte. Como já foi dito acima, os negócios terrestres foram dirigidos pelo irmão de M. Francisca, o senhor Heriberto Lampel.

Grande foi a alegria de Madre Inês, quando, no ano de 1858, viu atingida a sua meta. As Irmãs das Escolas podiam anexar-se a Ordem dos Franciscanos da Província do Tirol. Receberam novos Estatutos. Madre Inês esforçou-se ainda em adquirir o direito de fazer os votos perpétuos e então receber o nome de Maria. Também isso lhe foi concedido, mas somente após a sua morte. Também ela sucumbiu à tuberculose. Faleceu em 1858 com apenas 38 anos de idade. Deus poupou-a de um sofrimento muito amargo. No seu entusiasmo, não percebeu que estava construindo sobre areia aquilo que ela considerava como tarefa vital. E foi literalmente assim, porque ela deixou de colocar o seu edifício sobre a rocha de Pedro. Parece incompreensível, mas foi assim mesmo. Durante todos esses anos de negociações, nem o Bispo, nem o Provincial dos Franciscanos, nem M. Inês se lembraram de que a nossa Congregação tenha sido aprovada pela Santa Sé e que sem a licença da mesma não poderia ser feita nenhuma inovação. A Santa Sé só tomou conhecimento de tudo, quando o Geral dos Franciscanos lhe comunicou a filiação. A resposta da Santa Sé não foi instantânea, ela chegou somente no ano de 1865. Declarou a filiação inválida e desaprovou os novos Estatutos. Foram redigidos e enviados outros a Roma em

1866. Coube-lhes a mesma sorte: desaprovados! Entretanto nesse tempo faleceu o 2º. Sucessor de D. Zängerle e no seu lugar tomou posse o Príncipe-Bispo, D. João Zwerger. Resolutamente ele se interessou pela Fundação de D. Zängerle. Estudou todas as circunstâncias e logo percebeu a intenção do fundador. No dia 01.01.1868 ele chamou as Irmãs responsáveis, esclareceu-lhes a situação e pediu que elas redigissem os seus Estatutos. Unâimes elas se decidiram pelos primeiros Estatutos redigidos pelo Fundador e confirmados pela Santa Sé. Houve somente modificação e acréscimo de alguns pontos, como: permanência dos votos perpétuos e o do nome de Maria, após a Profissão Perpétua. Assim foi vencida definitivamente a crise. A Congregação retornou àquele caminho, estabelecido pelo Fundador, e no qual M. Francisca queria conservá-la. Após 18 anos de desvios ela voltou àquilo que fora desde o início. Mas para que o Cisma e o erro não levassem à fatalidade, foi necessário a oblação de Madre Francisca.”

No final da Circular, **Madre Gertrudes** escreve ainda: “Esta foi Madre Francisca. Reflitamos um pouco sobre sua Obra e a sua Oblação. Ela iniciou a nossa querida Congregação e, na hora mais difícil, livrou-a do naufrágio, através de uma oblação que parece ultrapassar as forças humanas.

Na eternidade, com certeza, ela não esqueceu a sua Fundação.

Nós descendemos dela e somos as suas filhas. Procuremos ser justas para com sua memória. Vamos – pelo menos, em espírito – ao seu túmulo, agradecer-lhe e pedir-lhe perdão. Talvez seja a primeira vez, depois de cem

anos, mas sempre é tempo.”

M. Gertrudes Kapfer

E terminamos aqui com as palavras de
Madre Sieglinde Höller:

“Madre Francisca, tu valorizavas mais a tua comunidade do que a tua vida. Tu disseste: ‘Serei completamente silenciada, esquecida, mas a Comunidade deverá viver!’

Madre Francisca, hoje, depois de 140 anos, pudemos trazer-te para Casa, em tua Comunidade. Com alegria e gratidão, nós te saudamos em nossa casa – em tua casa.

Nós queremos viver tua sagrada herança, no meio do povo, servindo-o com fidelidade, e assim, viver o nosso Carisma de Fundação. Alcance-nos, para isso, a graça de crescermos na Fé, na Esperança e no Amor, a fim de que, pela nossa vida, anunciemos, ao mundo, a Boa Nova.”

28 de maio 1991

**Túmulo de
MADRE FRANCISCA
LAMPEL**

Nascimento: 28/08/1807

Falecimento: 27/05/1951



*Fiéis à herança da Fundadora,
Madre Francisca Lampel,
pretendemos viver no meio do povo, procurando,
contudo, sempre a constante união com Deus.
Vamos servir, aos homens e as mulheres,
considerando-nos instrumentos nas mãos de
Deus, para que, tornando-nos pequenas e
humildes, Deus nos tome em suas Mãos, agindo
Ele por nosso intermédio.*

(Carta da Madre Francisca)

